

A DESSUBSTANCIALIZAÇÃO DO HOMEM NA POÉTICA DE DOSTOIÉVKI

Simone Mysqueu (Mestranda em Poética)

Resumo

Esse texto percorre o romance *Memórias de Subsolo* de Dostoievski. A chave de leitura é o homem de razão imerso em seu subsolo refletindo sobre a possibilidade de enquadramento do ser humano pelas ciências.

Palavras-chave: homem; razão; angústia.

Introdução

Nosso texto percorrerá os caminhos trilhados pelo consagrado escritor russo, Dostoiévski, em seu livro *Memórias de Subsolo*. No entanto, como as possibilidades de abordagens são amplas e variadas, nosso enfoque se restringirá àquilo que sua obra nos faz recordar: o que é o homem e qual o lugar a ser ocupado por este no Universo?

O homem de subsolo, imerso em seu inconsciente, se debate sobre a condição do homem. O homem é apenas mais uma tecla no piano universal, ou é livre? Ele pode ser reduzido a uma simples sentença matemática ou há algo nele que possibilita romper, ultrapassar os esquemas, as previsões? O homem é objeto possível e passível de teorias e análises científicas? É possível se falar no homem em geral? O homem pode ser reduzido a subjetividade imperial que se transformou no princípio e fundamento do conhecimento na civilização ocidental européia e no articulador da estrutura filosófica e científica?

Para tratar de tais questões, Dostoiévski se afasta da estrutura tradicional, consagrada. Ele não narra histórias: não é possível fazer um atraente resumo de enredo de suas obras. O que ele realiza é uma catábase, ou seja, desce ao subterrâneo humano. Contudo, há um abismo, um limite que separa o exterior do interior. E, para realizar este salto, a narrativa sai do eixo horizontal (narração de histórias) e passa para o vertical (inserção na consciência); deixa a representação da essência e passa para a disposição existencial. Para tanto, coloca o homem suspenso no nada a fim de transmutá-lo, convertê-lo em imagem.

É nesse espaço limítrofe que os personagens dostoiévskianos se revelam. Demoníacos e divinos, suas presenças são sempre complexas, carregadas de incertezas, 'revolucionárias'.

Percorrendo as entranhas dessas personagens, Dostoiévski se revela um detetive d'alma humana, um arqueólogo dos sentimentos mais recônditos da nossa existência. Seus livros trazem à tona não só crimes cometidos, mas também muitos outros que em potência repousam no inconsciente do homem na iminência ameaçadora de um dia emergirem.

Para Bakhtin, as personagens dostoiévskianas revelam uma independência interior que as afastam de tudo que já fora formulado anteriormente em relação à construção romanesca.

Cabe observar, porém, que se trata mais de uma independência em face de definições exteriorizantes e conclusivas que não levariam em conta a interioridade das personagens e suas individualidades enquanto sujeitos dotados de consciências diversas, procurariam resolver tudo no

âmbito de uma única consciência – a do autor – e tornariam essas personagens simples marionetes e objeto da ação do autor, carentes de iniciativa própria no plano da linguagem, surdas as vozes que não fossem mera irradiação da voz e da consciência do autor. Ora Bakhtin, mostra com plena clareza que a representação das personagens em Dostoievski é a cima de tudo a representação de consciências, que não se trata da consciência de um eu único e indiviso, mas da interação de muitas consciências, de consciências isônomas e plenivalentes que dialogam entre si, interagem, preenchem com suas vozes as lacunas e evasivas deixadas por seus interlocutores, mantêm-se imiscíveis enquanto consciências individuais que não se objetificam, i.e., não se tornam objeto dos discursos dos outros falantes nem do próprio autor e produzem o que ele chama de grande diálogo do romance.¹

Ao penetrar na dimensão psicológica dos personagens, se diferencia de tudo que havia sido feito, até então. Estes são cheios de vida e questões existenciais. Por isso, são densos. Não são tipos pré-concebidos cujos papéis a serem desempenhados são previamente determinados. Eles são autônomos.

Inaugura-se assim, o romance polifônico, onde os personagens nunca podem ser satisfatoriamente enquadrados. Ao transpor fronteiras, revelam a fragilidade da pretensão de se erigir um conceito de homem e humanidade.

A Primazia do Homem Iluminado

Na busca de libertar o homem da tirania da natureza, a filosofia moderna substituiu a teologia por uma nova ‘crença’: a ciência. Assim, é inaugurado o primado da razão.

Foucault, em a *História da Loucura*, nos mostra como, Descartes excluiu a loucura da ordem da razão buscando dar à verdade um fundamento apodítico. Na designada, por aquele, Idade Clássica, ergue-se um muro entre a razão e a desrazão, privilegiando a primeira e segregando toda forma de existência que se afastasse do que fora convencionado e estabelecido como parâmetro de normalidade, havendo, assim, a patologização, ou seja, o enquadramento do louco

¹ BAKHTIN, Mikhail. Problemas da Poética de Dostoievski. P.VII

como doente mental na modernidade. Com isso, houve uma dominação e integração, progressivas, deste à ordem da razão.

Contudo, Foucault não analisa a sociedade russa, mas, como nos mostra Boris Schnaiderman, lá o convívio entre a razão e a desrazão não cessou de existir, apesar da carga de racionalismo ocidental que o país recebeu.

Portanto, Dostoiévski não se curva ao primado do pensamento racional científico que pretendia abarcar a totalidade do real e do imaginário a partir do século XVIII, em nome das idéias que passaram a dominar na modernidade: o progresso e a civilização. O progresso é a característica essencial da ciência que é vista como processo normatizado, que tem direção e sentido, ou seja, é finalizado. Sendo assim, o conhecimento científico se desenvolve no sentido de uma verdade e racionalidade cada vez maiores.

Contudo, como Dostoiévski coloca, foi em nome do progresso e da civilização que, ao longo da história, se cometeram os maiores massacres.

Olhai em redor: o sangue corre em rios, até mesmo alegremente, como se fosse *champagne*. Vede o nosso século XIX, em que viveu Bukle. Vede Napoleão – o Grande e o atual. Vede a América do Norte – a união eterna. Vede, enfim, esse caricato Schleswig-Holstein... Que é que a civilização suaviza em nós? A civilização só faz produzir no homem a diversidade de sensações, e decididamente nada mais. E, graças ao desenvolvimento dessa diversidade, acontece que o homem pode acabar encontrando prazer no sangue. De fato, isso lhe tem acontecido. Já observastes que os sanguinários mais refinados quase sempre foram cavalheiros civilizadosíssimos, dos quais Atilas e os Stenka Razin não chegam nem “a sola dos sapatos, e, se não são tão notórios quanto os Atilas e os Stenka Razin, é precisamente porque se encontram a toda hora, porque já nos habituamos demais a eles. Seja como for, se a civilização não tornou o homem mais sanguinário, decerto o fez mais perversamente, mais covardemente sanguinário que antes. Antes, ele via no derramamento de sangue um ato de justiça e era de consciência tranqüila que exterminava quem lhe aprazia; hoje, embora considerando o derramamento de sangue uma coisa abominável, entregamo-nos a essa abominação ainda mais freqüentemente que antes. Que é pior? Decidi por vós mesmos. Dizem que Cleópatra (desculpai esse exemplo da história romana) gostava de enfiar agulhas de ouro nos seios de suas escravas, e

encontrava grande prazer nos gritos e contorções delas. Direis que esses eram tempos relativamente bárbaros, e que nosso século também é bárbaro, porque (sempre falando relativamente) se continua a enfiar agulhas nas carnes; que se hoje o homem aprendeu a ver mais claramente que nos tempos bárbaros, ainda está longe de ter aprendido a agir com a razão e a ciência lhe indicam. Mas vós acreditais firmemente que ele se habituará – quando se libertar por inteiro de certas tendências más de antigamente.²

Os pensadores, do século das luzes, nos dizem que se os homens são maus, cruéis, insubordinados, é porque ainda são infelizes. Essa infelicidade procede da falta de ‘luzes’ suficientes.

Essa razão filosófica-científica que tudo quer enquadrar em seus domínios, segundo Nietzsche, fez desaparecer o sentido da vida, uma vez que tudo passou a ser previsível. Tudo é igual, tudo tem o mesmo valor... é o que ele reconhece como ‘niilismo’.

...e vi uma grande tristeza descer sobre os homens. Os melhores deles cansaram-se de suas obras.

Proclamou-se uma doutrina, que uma fé acompanhava: ‘Tudo é vazio, tudo é igual, tudo foi!’

(...) Tornamo-nos, todos, secos; e, se caísse fogo sobre nós, seríamos reduzidos a cinza: - sim, cansamos o próprio fogo.

Todas as fontes se nos enxugaram, também o mar retirou-se. O solo quer fender-se, mas o abismo não nos quer tragar!

‘Ah, onde há um mar, ainda, no qual possamos afogar-nos?’: assim soa o nosso lamento – correndo por sobre brejos de águas pouco profundas.

² DOSTOIÉVSKI, F. M. *Memórias do Subsolo e Várias Novelas*. In: *Obras Completas e Ilustradas*. P.161

[5] GARRAFA. vol. 2, n. 02, janeiro-abril 2004.1. p. 102-118. ISSN 18092586.

Em verdade, já estamos cansados demais, para morrer; agora continuamos acordados e vivendo – em câmaras mortuárias.³

O homem dostoiievskiano imerso nesse vazio existencial, onde tudo, inclusive o homem, passa a ser objeto de análise científica, se refugia no subsolo buscando encontrar-se liberto das correntes do um mais um igual a dois.

(...) a própria ciência há de ensinar ao homem (embora isto seja, a meu ver, um luxo) que, na realidade, ele não tem vontade, nem caprichos, e que nunca os teve, e que ele próprio não passa de uma tecla de piano ou de um pedal de órgão; e que, antes de mais nada, existem no mundo as leis da natureza; de modo que tudo o que ele faz não acontece por sua vontade, mas espontaneamente, de acordo com as leis da natureza. Conseqüentemente, basta descobrir essas leis e o homem não responderá mais pelas suas ações, e a sua vida tornar-se-á sobremaneira fácil. Todos os atos humanos serão calculados, está claro, de acordo com essas leis, matematicamente, como uma espécie de tábua de logaritmos até 108.000, e registrados num calendário; ou, melhor ainda, aparecerão algumas edições bem intencionadas, parecidas com os atuais dicionários enciclopédicos, nas quais tudo estará calculado e especificado com tamanha exatidão que, no mundo, não existirão mais ações nem aventuras.⁴

A filosofia, desde Platão, esforçou-se para eliminar o devir, uma vez que é o ininteligível, o impensado. De fato, não podemos fazer enunciados seguros, estáveis e críveis a respeito do que devém. Talvez a busca de delimitação do homem dentro das categorias científicas, Ciências Humanas, tenha sido um dos passos mais ousados do pensamento ocidental.

Vontade de que todo o existente possa ser pensado: assim chamo eu à vossa vontade!

³ NIETZSCHE, F. W. *Assim Falou Zaratustra*. Pp.145-146.

⁴ DOSTOIÉVSKI, F. M. *Memórias de Subsolo e Várias Novelas*. In: Obras Completas e Ilustradas. Pp.161-162.

Quereis, primeiro, tornar todo o existente possível de ser pensado; pois, com justa desconfiança, duvidais de que já o seja.

Mas ele deve submeter-se e dobrar-se a vós! Assim quer a vossa vontade. Liso, deve tornar-se, e súdito do espírito, como seu espelho e reflexo.

É essa a vossa vontade, ó os mais sábios dentre os sábios, como vontade de poder, e também quando falais do bem e do mal e das apreciações de valor.

Quereis ainda criar o mundo diante do qual possais ajoelhar-vos: tal é a vossa derradeira esperança e embriaguez.⁵

Segundo Foucault, as Ciências Empíricas e a filosofia kantiana explicam o aparecimento das Ciências Humanas na Modernidade. Com elas, o homem, em relação ao saber, passa a desempenhar duas funções diferentes e complementares: por um lado é parte das coisas empíricas – objeto das ciências empíricas; e por outro, na filosofia, aparece como fundamento, ou seja, aquilo que é a base e possibilita qualquer saber. As discussões filosóficas em torno deste novo – Ciências Humanas - são travadas no campo da cientificidade, privilegiando-se sua possibilidade de matematização.

Desde Descartes, com o *cogito ergo sum*, a subjetividade se torna expressão consumada da essência, com a exclusão da existência. Assim como as idéias em Platão são matrizes absolutas, estruturas normativas, reguladoras do sentido e da totalidade do real, Descartes diz que a estrutura da subjetividade humana é a estrutura normativa, reguladora; a medida, o paradigma. O que ele coloca é que essa medida não é mais o transcendente, mas o homem imanente a sua subjetividade. A medida de todas as coisas passa ser o homem, ou seja, este é o sujeito representante de todo objeto representado. A epopéia da marcha da subjetividade culmina na filosofia de Hegel.

A partir daí, o homem não tem mais de sentir, de querer, de pensar, de imaginar... Isso é evanescente. O sujeito se perfila marcialmente e renega tudo que diz respeito à vida propriamente dita nas suas emoções, nas suas imprevisibilidades e passa a calcular. Define o objeto como

⁵ NIETZSCHE, F. W. Assim Falou Zaratustra. P.126

correlato do sujeito, ou seja, determina o objetivo. Assim, não vive por viver, mas para atingir um objetivo. Monta-se um sistema marcial. Todos viram funcionários dentro de uma engrenagem. Ao delimitar a sentença ao que é sentido, toda a riqueza do sentir, com suas várias possibilidades, é anulada.

Portanto, consciência, para Descartes, significa distanciar-se da experiência e colocar-se como espectador. Seu ideal é que o homem coloque-se fora da vida. Então, se abstrairia de toda experiência vivida e passaria a ser um mero observador.

Nietzsche nos alerta contra todos esses espíritos iluminados: “guardai-vos também dos doutos! Esses vos odeiam: pois são estéreis! Ante seus olhos frios e ressequidos, toda ave jaz depenada.”⁶

Dostoiévski, também, critica essa ilusão: o afastamento da vida em prol da representação da existência.

(...) todos nós estamos desacostumados da vida, todos capengamos, uns mais outros menos. Desacostumamo-nos mesmo a tal ponto, que sentimos por vezes certa repulsa pela “vida viva”, e achamos intolerável que alguém a lembre a nós. Chegamos a tal ponto que a “vida viva” autêntica é considerada por nós quase um trabalho, um emprego, e todos concordamos no íntimo que seguir os livros é melhor.⁷

A exemplo de Dostoiévski e Nietzsche, Kierkegaard apresenta uma polêmica contra essa tentativa de redução da existência ao conceito. Seu pensamento se desenvolve num sentido contrário a epopéia do sujeito uno, único, encerrado em si mesmo. Para ele, a reflexão da subjetividade se situa num plano abstrato e equivocado. Merece a consciência uma representação absoluta, com a perda de sua existência singular?

Embora, a maioria dos programas filosóficos gire em torno do “real”, poucos se preocupam com o “existente concreto”, enfatizando muito mais a forma geral dos conceitos. Por negligenciarem a singularidade da existência individual, Kierkegaard rejeita a primazia das representações conceituais peculiares aos sistemas filosóficos. Mostra como os sistemas, em

⁶ NIETZSCHE, F. W. *Assim Falou Zaratustra*. P.291

⁷ DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias de Subsolo*. P.258.

particular o de Hegel, não conseguem engaiolar a existência, revelando apenas uma face do que é singular, qualitativo e humano.

Sim, estar no erro é aquilo que ao invés de Sócrates, mais se teme. Facto que ilustra em grande escala extraordinários exemplos. Certo pensador eleva uma construção imensa, um sistema universal que abraça toda a existência e história do mundo, etc., - mas se alguém atentar na sua vida privada, descobre com pasmo esse enorme ridículo: que ele próprio não habita esse vasto palácio de elevadas abóbodas, mas um barracão lateral, uma pocilga na melhor das hipóteses o cacifo do porteiro? E zanga-se, se alguém ousa uma palavra para lhe fazer notar essa contradição. Pois que lhe importa viver no erro, logo que construa seu sistema... com a ajuda deste erro.⁸

Enquanto para Hegel o que vale é a humanidade, para Kierkegaard, o indivíduo importa mais do que a espécie, pois um homem singular não tem existência conceptual, ou seja, a forma da existência não coincide com a representação – idéia de humanidade. Seu ponto de vista evita sacrificar o indivíduo à espécie, preferindo tomar a singularidade da existência, o modo de ser fundamental do homem.

A existência é liberdade de poder ser, mas também de ficar paralisado e de se perder. Na relação com o mundo, essa possibilidade arrasta o homem à angústia, puro sentimento do possível, que pode ser muito mais terrível do que a realidade.

Dostoiévski, a exemplo de Kierkegaard e Nietzsche, nos mostra que todos os sistemas, erigidos até hoje, não foram capazes de tranquilizar o homem, muito pelo contrário.

Imerso neste caos onde “o sujeito sistematiza o objeto, mas não se dramatiza, porque apenas propõe o sentido no sentir, o querido no querer, o pensado no pensar, mas não se dispõe a sentir, a querer, a pensar”⁹ cabe ao homem mergulhar em seu subsolo e tentar inverter esse processo e inventar a vida para viver de algum modo:¹⁰ “poder da criação é uma dádiva do nada que somos.

⁸ KIERKEGAARD, S. *O Desespero Humano*. Pp.64-65.

⁹ SOUZA, R. DE M. *A Dialética da Intersubjetividade*. In: Cerrados – revista do curso de pós graduação em literatura, nº4, ano 4, 1995. P.14.

¹⁰ DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias de Subsolo*. In: O Eterno Marido e Várias Novelas. P.155.

Porque nada somos é que podemos ser tudo.”¹¹ Contudo, para que a vida seja concretamente vivida é preciso converter a representação da essência em disposição da existência.

Mas estamos tão desacostumados da vida que mesmo depois de descobrirmos que somos livres para escolher entre ser livre e ser determinado da mesma forma que uma pedra que rola a montanha ou uma folha carregada pelo vento, preferimos não escolher e ficar paralisado a escolher e se perder.

E por que nos agitamos às vezes, por que fazemos extravagâncias? O que pedimos? Nós mesmos não o sabemos. Será pior para nós mesmos se forem satisfeitos os nossos extravagantes pedidos. Bem, experimentai, por exemplo, dar-nos mais independência, desamarrai a qualquer de nós as mãos, alargai o nosso círculo de atividade, enfraquecei a tutela e nós... eu vos asseguro, no mesmo instante, pediremos que se estenda novamente sobre nós a tutela.¹²

Consciente da reação adversa dos leitores, o narrador adverte que “o resultado direto e legal da consciência é a inércia, isto é, o ato de ficar conscientemente sentado de braços cruzados.”¹³e, que ao menos ele teve a coragem de lutar com a consciência a fim de relacionar-se consigo mesmo, desdobrando-se e criando a vida.

Sei que talvez ficareis zangados comigo por causa disto, e gritareis, batendo os pés: “Fale de si mesmo e das suas misérias no subsolo, mas não se atreva a dizer: ‘todos nós’”. Mas com licença, meus senhores, eu não estou me justificando com este todos. E, no que se refere a mim, apenas levei até o extremo, em minha vida, aquilo que não ousastes levar até a metade sequer, e ainda tomastes a vossa covardia por sensatez, e assim vos consolastes, enganando-vos a vós mesmos.¹⁴

Nietzsche coloca que ao acreditarmos no projeto platônico de existência de um mundo das Idéias, submetendo-nos a ele, ganhamos, num certo sentido, segurança, mas perdemos “a

¹¹ Ibidem, p.155.

¹² Idem, P.253.

¹³ Idem, P.253.

¹⁴ Idem, P.253.

exultação do corpo, essa espécie de prazer-sofrimento que é a procura louca, aventureira”¹⁵; desistimos da vida em nome da racionalidade, unitária, unificadora e autoritária; abrimos mão da sensibilidade, da invenção, enfim de tudo que faz o valor do homem: uma liberdade ativa e criadora.

Da mesma forma, Dostoievski nos alerta contra esses sistemas que eliminam a vida em nome de uma idealidade.

De modo que eu talvez seja ainda mais “vivo” que vós. Olhai melhor! Nem mesmo sabemos onde habita agora o que é vivo, o que ele é, como se chama. Deixai-nos sozinhos, sem um livro, e imediatamente ficaremos confusos, perder-nos-emos; não saberemos a quem aderir, a que nos atermos, o que amar e o que odiar, o que respeitar e o que desprezar. Para nós é pesado até ser gente, gente com corpo e sangue autênticos, próprios; temos vergonha disso, consideramos tal fato um opróbrio e procuramos ser uns homens gerais que nunca existiram. Somos natimortos, e há muito que já não nascemos de pais vivos, e isso nos agrada cada vez mais. Em breve, inventaremos algum modo de nascer de uma idéia.¹⁶

Essa idéia externa dominou a história ocidental: ora o homem se encontrou sob a tutela da natureza, da religião; ora, desacorrentado, submeteu-se ao excesso de iluminação do pensamento filosófico-científico. Não mais os homens passivos das cavernas que apenas viam o reflexo de uma luz externa, divinal, mas o homem livre para se erguer e defrontar, talvez, a ‘verdadeira luz’ – a razão – e, novamente, se perder enquanto sujeito.

TRAVESSIA

O cerne da narrativa dostoiévskiana não é mais a representação dos fatos objetivamente, mas a revelação das paixões que avassalam a alma humana. O fundamental é a vida. Por isso, ao invés de representar a essência, mergulha no subsolo do personagem.

¹⁵ CHATELET, François. *Uma História da Razão*. P.140.

¹⁶ Idem. P.253.

Este tipo de narrativa, portanto, não quer mais representar ações, mas descortinar os efeitos emocionais dos acontecimentos na consciência do personagem e, conseqüentemente, o lado mais dramático e, até mesmo, trágico desta.

É uma literatura que lida muito mais com a vontade, com o sentimento humano do que com fatos acontecendo.

Temos, então, que o mundo da inteligência – compreendido pelos conceitos – e o mundo da experiência vivenciada – compreendido pelos sentidos – serão apresentados por dois “Eus” que são a mesma pessoa. Tem-se, assim, uma voz consciente – o eu de agora, o narrador – e uma voz do inconsciente – o eu de outrora. Só que estes são um sujeito desdobrado, cindido existencialmente. Contudo, esta divisão não é definitiva. Os dois coexistem simultaneamente no mesmo. O que ele foi e o que ele é são coisas diferentes, só que existem agora.

Esse tipo de romance, na verdade, fala da busca do narrador pelo exorcizamento de sua sombra – um outro dentro de si do qual não consegue se livrar –, mas a sombra o persegue, não o abandona, pois também é ele. Tem-se, então, uma única pessoa dividida, multiplicada.

Portanto, o narrador já é prova do duplo. Sua personalidade não é inteiriça. Quer dizer, não é um bloco monolítico. Não é uma voz nem positiva nem negativa. É as duas coisas ao mesmo tempo. Desta forma, ele revela que o homem é mais complexo.

O inconsciente, a sombra fala mais do que o perfil. Porque como ele procura a experiência vivenciada e concreta, o que é menos consciente é mais forte do ponto de vista passional.

Podemos, então, concluir que o ser humano tem duas vozes: uma voz da consciência e uma voz de subsolo. Essa voz do subsolo e d’alma é que alguns romancistas moderno-contemporâneos querem desentranhar. A consciência, para ele, não é despótica. É uma consciência dialógica: um ser uno, já é, no mínimo, duplo. Ele está em diálogo consigo mesmo – inclusive, desencravando uma voz desconhecida de si mesmo. Destarte que o monólogo, aqui, se torna dialógico.

O dialogismo é a capacidade de assumir o ponto de vista do outro. É um monólogo de uma consciência que está em querela consigo mesma que, por isso, já é dupla. Então, esse monólogo é um diálogo.

Em muitas narrativas moderno-contemporâneas, através do monólogo se expressa este pensamento silencioso do personagem, que revela sua vida psíquica, aquilo que ele tem de mais

essencial. O que esse tipo de narrativa quer, é colocar diante do leitor a vida mental do personagem para que se tenha acesso à vida emocional deste.

Portanto, esta narrativa rompe com o pensamento da lógica das ações e busca desvelar os vários sentidos dos acontecimentos. É uma meditação sobre a existência; sobre o enigma do homem, do mundo e da relação homem-mundo; e sobre o mistério do tempo, da morte e das emoções. É uma reflexão sobre a existência que seja capaz de viver fora da morte e das emoções; fora da subjetividade.

A história da civilização ocidental nos conta a transformação da realidade em produto objetivado, racionalizado e domesticado pela ação da subjetividade. Ela esteve no centro e foi responsável pela estrutura de domínio e destruição da natureza.

O narrador dostoiévskiano, cindido existencialmente, quer incomodar o leitor. Abalar suas certezas e mostrar que a vida não se resume a consciência.

Esta apreensão da condição humana se dispõe para ele no meio de sua vida. No meio de sua trajetória ele descobre que a existência extrapola a consciência e que o homem é muito mais do que uma “tecla de piano”¹⁷

É inerente ao ser humano sua capacidade de metamorfose. Isso o faz diferente. O personagem de *Memórias de Subsolo* “acreditava que ia produzir-se e inevitavelmente se produziria naquele mesmo dia uma transformação radical em [sua] existência.”¹⁸ Neste momento, começa a haver a mutação do personagem em personagente. Este, na verdade, só se encontra ao se despir de toda carga do pensamento cultural, filosófico, político... hegemônico.

Só na escuridão mais profunda, no caos, no subsolo, o homem reconhece a verdade mais importante de sua vida. Penetrar nesse espaço com a razão, o coração e a consciência constitui a singularidade e grandeza da obra de Dostoiévki.

Desta forma, descobre que não há uma personalidade inteiriça. Que o consciente é apenas uma face de sua existência e que a vida extrapola qualquer cálculo. Há sempre uma complementaridade dinâmica de opostos, - a identidade, neste caso, é proliferadora, negando, assim, a tradição ocidental da identidade que exclui todas as diferenças.

¹⁷ Idem. P.167.

¹⁸ Idem. P.167.

CONCLUSÃO

Como coloca Dostoievski, o homem não é louco nem normal; nem bom nem mau; nem divino nem diabólico; nem doente nem são... Não é possível reduzi-lo e enquadrá-lo a categorias pré-determinadas, estabelecidas. Ele não é, mas tem a pura possibilidade de experimentar os limites, de situar-se nas fronteiras e constituir-se livremente enquanto travessia constante. Por isso, o narrador de *Memórias de Subsolo* afirma que nunca conseguiu chegar a ser nada, “nem mau nem bom, nem canalha nem homem de bem, nem herói nem inseto.”¹⁹ e termina sem conseguir formular uma idéia clara e objetiva do que quer ser.

O fim dos fins, senhores: melhor é não fazer nada! Melhor é a inércia consciente! Assim viva o subterrâneo! Embora eu tenha dito há pouco que invejava o homem normal até a última gota de minha bile, quando o vejo tal como é agora não quero ser como ele (apesar de continuar a inveja-lo). Não! Não! De qualquer forma o subterrâneo é melhor. Lá, ao menos, é possível...Ah, estou mentindo, pois sei, tão claramente quanto dois mais dois são quatro, que não é o subterrâneo que é o melhor, mas outra coisa, muito diferente, a que aspiro, mas que não posso descobrir. Ao diabo o subterrâneo!²⁰

Essa é sua condição última: impulso que o lança incessantemente para frente, adiante, a fim de conquistar novos horizontes que, mal são alcançados, tornam-se outrora, num movimento espiral de renascer e remorrer contínuo. Otávio Paz escreve que esta é a experiência poética que não é outra a não ser “a revelação da condição humana, isto é, desse transcender-se sem cessar no qual reside precisamente sua liberdade essencial”.²¹ Essa liberdade é a condição para que o homem seja o que é: pura possibilidade.

(...)o homem seja ele quem for, sempre e em toda parte gostou de agir a seu bel-prazer e nunca segundo lhe ordenaram a razão e o interesse; pode-se desejar ir contra a própria vantagem e, às vezes, decididamente se deve (isto já é uma idéia minha). Uma vontade que seja nossa, livre, um capricho nosso, ainda que dos

¹⁹ Idem. P.111

²⁰ Idem. P.152.

²¹ PAZ, O *O Arco e a Lira*. P.232.

mais absurdos, a nossa própria imaginação, mesmo quando excitada até a loucura – tudo isto constitui aquela vantagem que deixei de citar, que não se enquadra em nenhuma classificação, e devido à qual todos os sistemas e teorias se desmancham continuamente, com todos os diabos! E de onde concluíram todos esses sabichões que o homem precisa de não sei que vontade normal, virtuosa? Como foi que imaginaram que ele, obrigatoriamente, precisa de uma vontade sensata, vantajosa? O homem precisa unicamente de uma vontade *independente*, custe o que custar essa independência e leve aonde levar.²²

Contudo, descobrir-se livre é angustiante. A angústia é este sentimento de uma ausência que não se preenche jamais. Porque o preenchimento significa uma mistificação da existência. A nossa existência flutua nesse nada. Nós somos esse nada. A angústia é a expressão da finitude e da historicidade. O reconhecimento dos limites. Quer dizer, a existência no horizonte do tempo.

Essa representação da existência inserida no horizonte do tempo, experimentando a cada instante a sua limitação, a sua historicidade, a sua temporalidade... expressa o sentimento da angústia. Essa angústia não tem nada de negativo. Ela é criadora, porque é ao experimentar seus limites que se tem condições de ultrapassá-los. Pois, como nos fala Otávio Paz, a existência é processo dinâmico de autogestação, e de autoconstituição.

A condição dual da palavra poética não é diferente da natureza do homem, ser temporal e relativo, mas sempre lançado ao absoluto. Esse conflito cria a história. Dessa perspectiva, o homem não é mero suceder, simples temporalidade. Se a essência da história consiste apenas em um instante suceder a outro, um homem a outro, uma civilização a outra, a mudança se resolveria em uniformidade e a história seria natureza. De fato, quaisquer que sejam as suas diferenças específicas, um pinheiro é igual a outro pinheiro, um cachorro é igual a outro cachorro; com a história acontece o contrário: quaisquer que sejam as suas características comuns, um homem é irreduzível a outro homem, um instante histórico a outro. E o que faz instante ao instante, tempo ao tempo, é o homem que com eles se funde para torna-los únicos e absolutos. A história é gesta, ato heróico, conjunto de instantes significativos porque o homem faz de cada instante algo suficiente e assim separa o hoje do ontem. Em cada instante

²² DOSTOIÉVSKI, F. *Memórias de Subsolo*. In: O Eterno Marido e Várias Novelas. P.163.

ele quer se realizar como totalidade e cada uma de suas horas é o momento de uma eternidade não tem outro remédio a não ser fundir-se mais plenamente no tempo. A única maneira que tem de vence-lo é fundir-se com ele. Não alcança a vida eterna, mas cria um instante único e irrepitível e assim dá origem a história. Sua condição o leva a ser outro: e apenas sendo-o pode ser ele mesmo plenamente.²³

Mergulhado nos intertícios humanos, Dostoievski revoluciona o conceito de romance opondo-se, assim, à psicologia clássica e abrindo às portas para as profundezas do inconsciente, onde, posteriormente, Freud se debruçara.

O homem que salta da narrativa de Dostoievski, não está fora do cosmo, isto é, do mundo em que se estruturou, nem se encontra como um estranho hóspede conforme ocorre na idéia do homem que a filosofia moderna nos apresenta; tampouco um homem imerso no cosmo, como um de seus cegos componentes, simples reflexo da dinâmica da natureza ou da vontade dos deuses personagem. O homem forma parte do cosmo, mas sua relação com o todo se funda em sua liberdade angustiante - personagente. Nessa ambigüidade reside o caráter trágico do ser humano.

O que tem de ser visto é que a realidade é criada, não existe realidade dada e isto, muitas vezes, para o homem, é um fardo pesado demais, é angustiante.

Temos, então, que o homem é pura possibilidade. Não possuindo arquétipo, o homem pode subir ou descer ao máximo. É essa possibilidade que constitui a gênese dessa obra e torna a existência poética.

Para criar tem de se nadificar tudo o que existe – inclusive a si próprio. É no enfrentamento desse sentimento – ausência que não se preenche jamais – que surge a angustiante descoberta de que não somos nada. Essa angústia é positiva porque mostra que a existência é um processo dinâmico e não possui limite inicial nem terminal.

Sendo assim, cabe a arte revelar a disposição da existência e não cristalizar em fórmulas consagradas. Cada narrativa instaura mundo através do ato criativo.

Dostoievski ao mostrar o homem – foge das categorias hegemônicas – revelando que é apenas mergulhando na existência que é possível ser homens de “carne e osso”, vivos. Contudo,

²³ PAZ, *O O Arco e a Lira*. P.231-232.

este não pode ser representado, pois está em constante transformação. Qualquer tentativa é apenas uma estagnação, um aprisionamento de um determinado momento da vida.

Portanto, ao invés do conceito de subjetividade que está intimamente associado a idéia de identidade, de substancialidade – onde a pessoa se sente como uma unidade portadora de determinados atributos e qualidades – tem-se a heterogeneidade, o inumano suspenso no nada da existência.

Essa descoberta é angustiante, mas é só tendo coragem de enfrenta-la que se pode entender a dimensão da liberdade.

“Ser humano é transcender-se no horizonte móvel do tempo. Nas etapas do caminho da vida, o homem se revela em metamorfose constante, travessia contínua, não se compaginando, portanto, na fórmula intemporal do sujeito imperial.”²⁴ Desta forma, o homem se revela contínua força em gestação.

Referências

- BAKHTIN, M. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Tradução: Paulo Bezerra. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- CHATELET, F. *Uma História da Razão*. Jorge Zahar, Rio de Janeiro:1994.
- COHN, Dorrit. *Transparent Minds: Narrative Modes for Presenting Consciousness in Fiction*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1983.
- DESCARTES, R. *Discursos do Método*. In: Os Pensadores. Tradução: J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. Abril Cultural: São Paulo, 1973.
- _____. *Meditações*. In: Os Pensadores. Tradução: J. Guinsburg e Bento Prado Junior. Abril Cultural: São Paulo, 1973.
- DOSTOIEVSKI, F. M. *Memórias do Subsolo* In: O Eterno Marido e Várias Novelas (obras completas e ilustradas). Rio de Janeiro, José Olímpio: 1967.
- FRANK, Joseph. *Dostoiévski: As Sementes da Revolta*. Tradução: Vera Pereira. São Paulo, EDUSP: 1999.
- _____. *Dostoiévski: Os Anos de Provação*. Tradução: Vera Pereira. São Paulo, EDUSP: 1999.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução: Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis, Vozes: 2000. Vol. I e II.
- HEGEL, G. W. F. *Fenomenologia do Espírito*. Petrópolis, Vozes: 1999.
- KIERKEGAARD, S. *O Desespero humano*. Porto, Livraria Tavares Martins:1957.

²⁴ SOUZA, R. M. *A Dialética da Intersubjetividade*. In: Cerrados – revista do curso de pós-graduação em literatura. N°4, ano 4, 1995, p.11.

- _____. *Temor e tremor*. São Paulo, Livraria Exposição do Livro: 1965.
- NIETZSCHE, F. *Além do Bem e do Mal*. Tradução: Márcio Pugliesi. Rio de Janeiro, Ediouro.
- _____. *Assim Falou Zaratustra*. Tradução: Mário da Silva. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira: 1986.
- PAZ, Otávio. *O Arco e a Lira*.
- PLATÃO, *A República*. Livro X. 2ª edição; São Paulo, Difel, 1973
- SOUZA, R. de M. *A Identidade Platônica e a Diferença Nietzscheana*. CERRADOS. Nº3, ano 3, 1994.
- _____. *A Desconstrução da Metafísica e a Reconciliação de Poetas e Filósofos*. In: Globalização e Literatura, Discursos Transculturais. V.1. Rio de Janeiro, Relume-Dumará: 1999.
- _____. *A Dialética da Intersubjetividade*. In: Cerrados – revista do curso de pós-graduação em literatura. Nº4, ano 4, 1995.